

# Quantos seriam

**A**o ser descoberto o Novo Mundo, a Europa se vê diante de um acadinho de povos que, de início, nem considera propriamente humanos. Foi preciso que um breve papal de Paulo III, datado de 9 de junho de 1537, proclamasse os índios “verdadeiros homens e livres”, isto é, criaturas de Deus iguais a todos.

O descobrimento da América abriu novos horizontes para espanhóis e portugueses, que viram seus países atingir o auge do poderio. Para os povos deste continente, porém, a chegada dos brancos representou a quebra de todos os valores em que acreditavam, o colapso de tradições milenares, a perda da liberdade, a escravização e a morte.

**Berta G. Ribeiro**  
Museu Nacional, UFRJ

Índio Omágua, segundo  
Alexandre Rodrigues Ferreira  
(séc. XVIII).



# os índios das Américas?



Em um ensaio publicado em 1963 na revista *Historique* ("A população da América índia: novas pesquisas"), o historiador Pierre Chaunu considera que a densidade populacional do México em 1519 (25 milhões de habitantes, segundo cálculos de Borah e Cook) era comparável à da França em 1789, ou seja, 50 habitantes por quilômetro quadrado. Seguindo este raciocínio, Chaunu dobra a estimativa a que chegaram Paul Rivet e Carl Sappers em 1924, de 40 a 50 milhões de habitantes para a América pré-colombiana, afirmando que havia de 80 a 100 milhões de americanos no início do século XVI, o que representava uma quarta parte da humanidade de então.

A título de comparação, basta dizer que a cidade asteca de Tenochtitlán, no México, contava com 300.000 habitantes, segundo o testemunho de cronistas da época, enquanto Sevilha, a principal cidade da Espanha no século XVI, abrigava 120.000; Lisboa, por sua vez, tinha 100.000 habitantes, entre os quais 10.000 escravos e 7.000 artífices estrangeiros.

No primeiro século que se seguiu ao descobrimento, os colonizadores portugueses só tiveram contato com os índios do litoral brasileiro e com os que viviam ao longo do curso do rio Amazonas. No século seguinte, teve início o devassamento do interior através das grandes artérias fluviais. Os bandeirantes e pioneiros que partiam em busca do ouro e de escravos indígenas não estavam evidentemente interessados em contar os índios ou em reconhecer as singularidades dos inúmeros grupos em que estes se dividiam. Por isso, é muito difícil fazer uma estimativa, ainda que aproximada, da população aborígine brasileira por ocasião do descobrimento e, inclusive, a dos séculos seguintes.

Não obstante, várias tentativas foram feitas com o propósito de calcular qual

era a população da América pré-colombiana. Uma delas é a de Angel Rosenblat, que em 1954, partindo das fontes mais recentes como o recenseamento de 1950, recua até o ano de chegada de Colombo à América. Outra foi feita por Julian Steward em 1949, calculando o tamanho das comunidades de acordo com os recursos locais para sustentar uma população e com o adiantamento cultural de que esta dispunha para extrair da natureza o necessário para sua subsistência.

Há ainda os cálculos feitos na década de 1960 por Dobyns, além dos de Borah e Cook, que também utilizam critérios ecológicos culturais, e de outros autores da década de 1970. Estimativas sobre a população indígena brasileira que sobreviveu até nossos dias se devem a Darcy Ribeiro, para 1957, e ao Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), para 1980.

As dificuldades metodológicas e a precariedade dos dados históricos não permitem que se faça uma estimativa mais ou menos exata, impedindo que haja uma uniformidade de opiniões quanto ao montante da população aborígine americana por ocasião da chegada dos colonizadores brancos ao continente. As cifras que apresentaremos a se-

guir ilustram a disparidade existente entre os cálculos "clássicos" e os mais modernos. A população aborígine da América foi estimada em 13.385.000 por Julian Steward em 1949, e por A. Rosenblat (1954) em 15.590.880. Estudos mais recentes, de W. Borah e F. S. Cook (1963), afirmam que só o México pré-colombiano tinha de 25 a 30 milhões de habitantes, montante elevado para 30 ou 37,5 milhões por H. Dobyns em 1966. A população do império Inca foi avaliada em 10 a 12 milhões de habitantes por Louis Baudin em 1929, e em um mínimo de 30 milhões por Dobyns. Entre os estudos "clássicos", a avaliação mais baixa da população de toda a América pré-colombiana é a de H. L. Kroeber, feita em 1939: 8,4 milhões de habitantes, e a mais alta é a de Paul Rivet e Carl Sappers (1924): entre 40 e 50 milhões.

Angel Rosenblat realizou seu estudo da demografia histórica indígena das Américas partindo de fontes mais recentes — recenseamentos de 1940 e 1950 — e tomando como marcos intermediários entre 1950 e 1492 os anos de 1825 (quando se declarou a independência da maioria dos países sul-americanos), 1650 e 1570.

Computando os dados demográficos disponíveis, Rosenblat apresenta os seguintes números:

QUADRO 1  
POPULAÇÃO INDÍGENA DAS AMÉRICAS (1492-1950)

Ano	População indígena	Aumento ou diminuição	População total	% de índios sobre a população total
1492	13.385.000	—	13.385.000	100
1570	10.827.150	- 2.557.850	11.229.650	96,41
1650	10.035.000	- 792.150	12.411.000	80,85
1825	8.634.301	- 1.400.699	34.531.536	25,10
1940	13.450.387	+ 4.816.086	273.659.467	4,95
1950	14.946.822	+ 1.496.435	326.410.029	4,58

Fonte: Angel Rosenblat: *La población indígena y el mestizaje en América*.

Família Tupinambá,  
tribo extinta do Rio de Janeiro,  
segundo Jean de Léry (1557).

Uma análise superficial deste quadro demonstra que, apesar de todas as vicissitudes por que passaram as populações aborígenes americanas ao longo de 458 anos de contato com o branco, elas se re-fizeram e até ultrapassaram seu número original, muito embora não tenham conservado as características culturais autóctones. No entanto, para que possamos chegar a esta conclusão, devemos considerar as médias das estimativas mais baixas citadas para o início do período colonial, entre as quais se inclui a de Rosenblat. Se em vez disso aceitarmos os cálculos de Rivet e Sapper, de Dobyns e de Borah e Cook veremos que em quatro séculos e meio a população aborígene foi na realidade reduzida a 1/8 de seu número original.

Segundo as estimativas de Rosenblat, como se pode ver no quadro acima, esta população esteve em decréscimo constante nos três primeiros séculos depois do descobrimento. Em seguida, em um século, aumentou em quase cinco milhões de indivíduos. É de se esperar que, em algumas áreas, caso surjam condições favoráveis, este crescimento continue. Contudo, em relação à população total, os povos indígenas representam atualmente uma percentagem mínima, menor que a das minorias negras em diversos países, inclusive no Brasil. É preciso, porém, que se diga que, no cômputo da população indígena, não se inclui o mestiço (*criollo* ou *caboclo*), produto do cruzamento do habitante original da América com o colonizador europeu.

Para a população aborígene brasileira, os cálculos de Rosenblat são os seguintes:

**Quadro 2**  
**POPULAÇÃO INDÍGENA**  
**DO BRASIL (1500-1950)**

Ano	População indígena	População total	% de índios sobre a população total
1500	1.000.000*	1.000.000*	100
1570	800.000	850.000	94
1650	700.000	950.000	73,6
1825	360.000	4.000.000	9,14
1940	200.000	41.236.315	0,40
1950	200.000	52.645.479	0,37

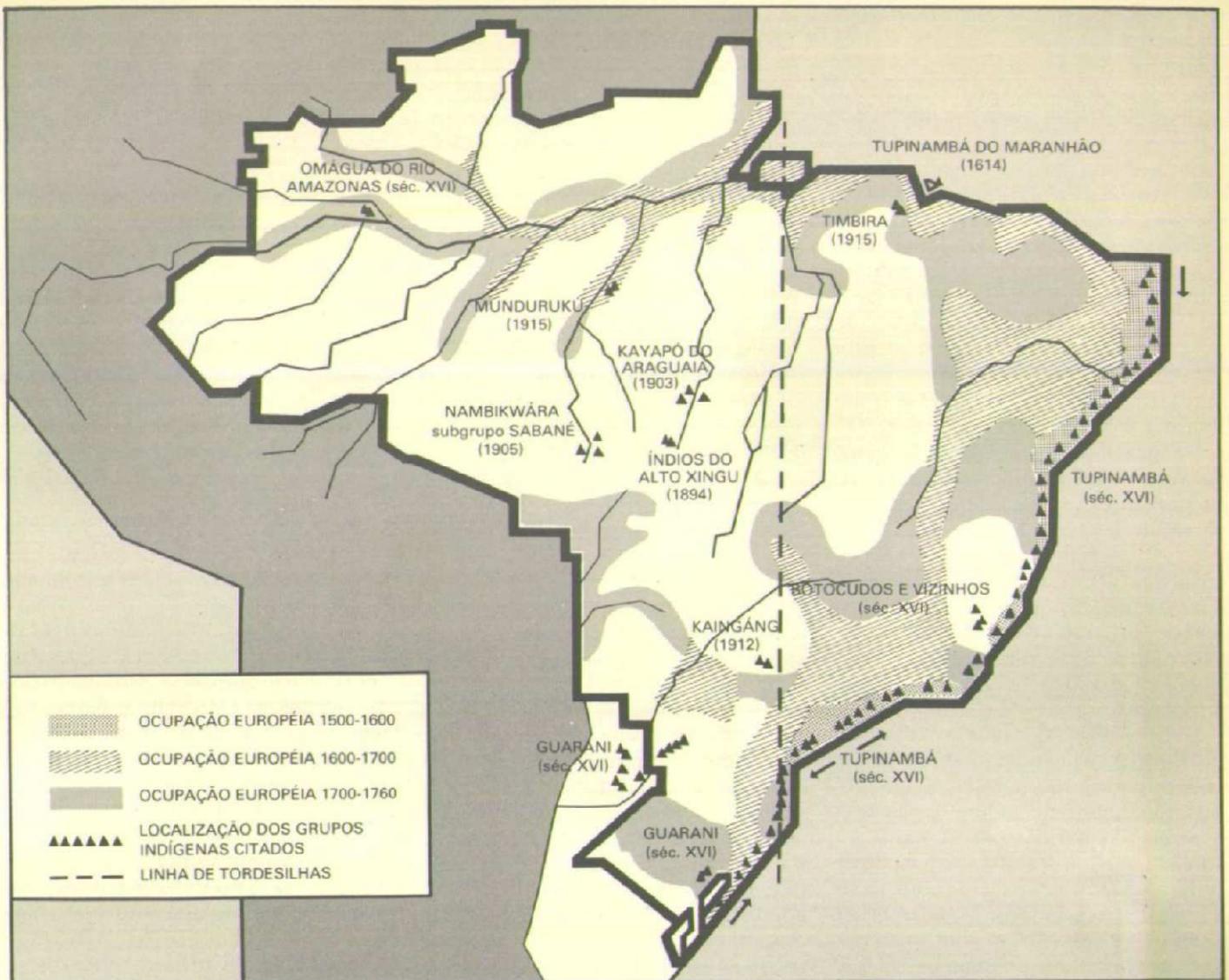
\* margem de erro de 20%, segundo o autor.

Fonte: Angel Rosenblat: *La población indígena y el mestizaje en América*.



O quadro acima mostra redução drástica e constante sofrida pela população indígena brasileira ao longo de quatro séculos e meio. Agregue-se a isso que a estimativa de Rosenblat para 1950 (200.000 índios), se confrontada com a de Darcy Ribeiro para 1957 (no mínimo 68.100 e no máximo 99.700), é muito otimista.

A comparação destes números com os relativos à população indígena da América ao norte do México mostra que, enquanto nossos índios foram reduzidos a



A penetração dos colonizadores europeus e a distribuição geográfica dos grupos indígenas citados no artigo, segundo Curt Nimuendaju.

1/5 do contingente populacional que tinham à época do descobrimento, numa diminuição constante, os dos EUA, Canadá e Alasca, que eram aproximadamente tantos quanto os do Brasil em 1500, segundo Rosenblat, foram reduzidos apenas à metade. Entre 1825 e 1940, aumentaram em mais de 100.000 indivíduos e, entre 1940 e 1950, em mais 70.000. Segundo Rosenblat, os índios dos EUA aumentaram de 332.397 em 1930 para 425.000 em 1950, continuando a aumentar até atingir um milhão em 1975, isto é: quase a população que tinham no século XVI, na avaliação de Rosenblat, hoje considerada demasiado modesta.

O método utilizado por Julian Steward para calcular a população aborígene sul-americana se baseia nos dados históricos e etnográficos compila-

dos pelos autores das monografias publicadas no livro *Handbook of South American Indians*, de 1949. Para fazer suas estimativas, estende a densidade populacional calculada para uma tribo a outras que apresentem o mesmo nível cultural e vivam em habitat semelhante. Desta forma, é capaz de efetuar cálculos de população global e de densidade relativa por unidade de área.

Steward atribui às tribos coletoras e caçadoras do Brasil oriental (a que dá o nome de "marginais") uma densidade de 10 habitantes por cada 100km<sup>2</sup>, baseando-se na estimativa da população do alto Xingu por ocasião de seu primeiro contato com a civilização, feito pelo antropólogo alemão Karl von den Steinen. Para os Botocudo e seus vizinhos, Steward eleva a média para 15 habitantes por 100km<sup>2</sup>; aos Tupi da costa, atribui a densidade de 60 habitantes por 100km<sup>2</sup>,

baseando-se nos dados relativos a alguns grupos Tupinambá. As amostras de tribos da bacia Amazônica dão uma densidade populacional entre 17 e 25 habitantes por 100km<sup>2</sup>, mas nem toda a população da Hiléia se enquadra nestas estimativas.

A maior crítica dos estudiosos modernos de demografia histórica americana às avaliações dos chamados "clássicos", como Rosenblat, Steward e Kroeber, é que estes não levaram em consideração os efeitos das epidemias sobre os povos sem defesas orgânicas contra os vírus e os bacilos trazidos pelos colonizadores brancos — basta lembrar que a vacina contra a varíola só foi aperfeiçoada por volta de 1800, devendo-se aliás a seu uso boa parte da recuperação tardia da população indígena da América (ver o quadro "O contato e o contágio").

Mais recentemente, calculando o declínio da população aborígine americana, Dobyns chega à conclusão de que, por efeito de moléstias e de outros agentes deletérios, como a escravização, o despovoamento (ou depopulação) do México central deve ter-se dado à razão de 20 para um, ou seja: onde havia 20 indivíduos à época da conquista, só um restou 130 anos depois. Em algumas regiões do antigo império Inca, a depopulação chegou à taxa de 25 para um e até mesmo de 100 para um no espaço de uma geração. Em 1685, o marquês de Varinas afirmou que, na região costeira entre Lima e Paita, no Peru, de dois milhões de índios sobraram apenas 20.000.

No Brasil, ainda segundo Dobyns, houve também alguns casos dramáticos de depopulação: "Os Kaingáng decresceram de 1.200 em 1912 a cerca de 200 em 1950, o que representa uma taxa de 15 a um. Os Munduruku caíram de 20.000 a 1.200 entre 1915 e 1950, numa taxa de 16,6 a um. Os Timbira, que somavam mil em 1900, caíram a 40 em 1950, num índice de depopulação equivalente a 25 a um."

Dobyns afirma que uma taxa de declínio de 50 para um no período de um século tornaria a recuperação de um grupo indígena praticamente impossível, acarretando seu desaparecimento. Assim, estimou que teria havido uma depopulação de 20 ou 25 para um entre todas as populações aborígenes da América, antes que atingissem seu ponto mais baixo (ou *nadir*), nos momentos em que cessaram de atuar os agentes dissociativos e se iniciou o movimento de recuperação de seu contingente populacional. Utilizando as cifras que corresponderiam a esses pontos mais baixos, multiplicou-as por 20 e por 25, chegando por este método às seguintes estimativas da população pré-colombiana da América:

Essas estimativas se aproximam das de Pierre Chaunu, como vimos, e temos novamente um cálculo que aponta ter havido um mínimo de 90 milhões de habitantes na América pré-colombiana.

Comentando o artigo de Dobyns, o antropólogo paranaense Oldemar Blasi admite que a técnica empregada é coerente, mas não se aplica a todas as regiões da América. Tomando como exemplo as avaliações feitas pelos jesuítas, que entre 1628 e 1635 calculavam haver 40.000 almas nas reduções do Sul, vivendo em uma área de 469.000km<sup>2</sup>, mul-

QUADRO 3  
ESTIMATIVA PROJETADA DA POPULAÇÃO ABORÍGINE DAS AMÉRICAS

Área	População no momento da recuperação	Data do início da recuperação	Projeções (x20)	(x 25)
América do Norte	490.000	1930 +	9.800.000	12.250.000
Civilização Mexicana	1.500.000	1650	30.000.000	37.500.000
América Central	540.000	1650	10.800.000	13.500.000
Ilhas do Caribe	22.150	1570	443.000	553.750
Civilização Andina	1.500.000	1650 +	30.000.000	37.500.000
América do Sul				
Marginal	450.000	?	9.000.000	11.250.000
Hemisfério Ocidental	4.502.150		90.043.000	112.553.750

Fonte: H.F. Dobyns: *Estimating Aboriginal American Population*.

tiplica este montante por dois, por considerá-lo depreciativo, e o projeta para o ano de 1500, estimando que o decréscimo da população havia sido da ordem de dois para um entre 1500 e 1635. Assim, haveria 160.000 índios naquela área à época do descobrimento. Considerando que o território brasileiro é 18,4 vezes maior, e que todas as tribos brasileiras se enquadram na mesma categoria dos índios das reduções, ou seja, "grupos da floresta tropical" e "marginais", multiplica este índice por 160.000, obtendo uma população de 2.944.000 aborígenes para o Brasil em 1500. Nos séculos posteriores, Blasi estima que se tenha mantido a depopulação à razão de dois para um a cada 135 anos, chegando às seguintes cifras: para 1500, 2.944.000; para 1635, 1.472.000; para 1770, 736.000; para 1905, 368.000.

Outro autor moderno, Pierre Clastres, publicou em 1972 um ensaio em que faz uma crítica acerada dos estudos demográficos de Angel Rosenblat. Considera que Rosenblat, da mesma forma que outros autores "clássicos", errou ao desprezar o testemunho dos cronistas, julgando suas avaliações exageradas: segundo Rosenblat, os missionários aumentavam o número dos indígenas porque desejavam maiores estímulos para seu trabalho, e os soldados, para valorizar suas vitórias. Clastres discorda ainda de Rosenblat, afirmando que, ao contrário do que diz este autor, a América do Sul era, genericamente falando, habitada por tribos agrícolas, e não por grupos de caçadores-coletores nômades, que necessitam de uma área muitís-

simo maior para conseguir sua alimentação.

Para fazer seus cálculos, Pierre Clastres baseia-se em Hans Staden, arcabuzeiro alemão que esteve prisioneiro dos Tupinambá em 1555 e afirma em seu testemunho que a distância entre as aldeias destes índios era, em média, de nove a doze quilômetros (o que dá uma área de 150km<sup>2</sup> por aldeia), e que o número médio de habitantes por aldeia era de 600 (em uma estimativa por baixo). Baseia-se ainda no fato de os Guarani ocuparem, no ano do descobrimento, uma área de 350.000km<sup>2</sup> entre o alto rio Paraguai e a costa do Atlântico. Assim, faz o seguinte cálculo: "Serão 350.000 divididos por 150 = 2.340 (aldeias), aproximadamente. Aceitemos como verossímil a cifra de 600 pessoas em média por unidade. Teremos, pois: 2.340 x 600 = 1.404.000 habitantes."

Assim, antes da chegada dos brancos, havia cerca de 1,4 milhão de Guarani, o que configura uma densidade de quatro habitantes por quilômetro quadrado. Este número é inferior ao estimado no recenseamento feito pelo padre Claude d'Abbeville para a ilha do Maranhão em 1614, que dava de 10.000 a 12.000 Tupinambá numa área de mil quilômetros quadrados, o que corresponde a uma densidade de 10 ou 12 hab./km<sup>2</sup>. Clastres, porém, considera que a ilha do Maranhão estava superpovoada à época de Abbeville por índios que fugiam dos portugueses, e mantém sua estimativa, que sextuplica a feita por Steward (200.000 Guarani no Brasil e no Paraguai em 1500, ou 28 hab./100km<sup>2</sup>).



Ritual Tupinambá, segundo De Bry (séc. XVI).

## O CONTATO E O CONTÁGIO



Um dos indicadores que podem ser utilizados para a avaliação da população indígena original é a dizimação de seu contingente pelo contágio das doenças levadas pelos civilizados. O circuito do contágio se instala por ocasião

dos primeiros contatos entre os brancos e as populações indígenas, desprovidas de defesas orgânicas contra os vírus e os bacilos transportados pelos civilizados, e costuma causar enorme mortalidade não só pelo efeito das doen-

ças como também por desorganizar a vida tribal: todos os membros do grupo são atingidos ao mesmo tempo, não havendo quem cuide da roça, pegue lenha ou busque água. Além disso, este fenômeno é agravado porque ao mesmo tempo decai o índice de natalidade, que em casos extremos permanece em zero por anos seguidos.

Inúmeros exemplos de despoamento devido à incidência de epidemias sobre grupos indígenas brasileiros são relatados por Darcy Ribeiro em *Os índios e a civilização*. A dizimação do grupo Nambikwára-Sabané foi das mais drásticas porque se deu com grande rapidez. Segundo J. Vellard, citado por Dobyns, "de cerca de 1.000 Sabané existentes em 1926 restaram 21 pessoas em 1938; um só Sabané sobreviveu onde havia 47,6 indivíduos antes (...). A depopulação total dos

Nambikwára foi de 20 a um num período de 22 anos".

De 20.000 destes índios existentes em 1916, sobraram mil em 1938. E devemos levar em conta que a penetração foi pacífica, encabeçada pelo marechal Rondon quando construía as linhas telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas.

Outro exemplo brasileiro é dado por Dobyns no caso dos índios Kayapó das margens do rio Araguaia. Os padres dominicanos se estabeleceram na região em 1903 para dirimir os conflitos entre estes índios e os seringueiros que penetravam em seu território. Anos mais tarde, os dominicanos avaliaram a população Kayapó em seis a oito mil indivíduos. Em 1918, estavam reduzidos a 500 índios e, em 1929, a apenas 27, num declínio de 222 para um, que os levou à extinção.

Cálculos ainda mais recentes, feitos em 1977 por William M. Denevan para toda a Hiléia Amazônica, levam em conta o povoamento potencial de grandes áreas ecológicas (várzea, terra firme, cerrado alto e cerrado baixo), os padrões de subsistência, os recursos de cada habitat e o declínio da população por efeito do contato com o branco. Estimando uma densidade populacional de 28 hab./km<sup>2</sup> para a várzea e de 1,2 hab./km<sup>2</sup> para a terra firme (14,6 hab./km<sup>2</sup> em média), Denevan chega à cifra de 6,8 milhões de habitantes para a grande Amazônia, o que se aproxima dos seis milhões calculados por Dobyns. Essa estimativa é comparada por Denevan com a densidade da população ribeirinha da Amazônia (Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima) em 1970, que era de 25 hab./km<sup>2</sup>. Entretanto, levando em conta o argumento de Thomas Myers, de que os territórios tribais estavam separados por grandes espaços vazios para "efeito de amortização" entre tribos hostis, diminui sua estimativa em 25%, reajustando-a para 5,1 milhões de habitantes. Deste total, 3.635.000 corresponderiam ao Brasil, segundo John Hemming.

Outro cálculo recente para uma população indígena da várzea amazônica, os Omágua, se deve a Antonio Porro. Segundo fontes históricas utilizadas pelo autor, a densidade populacional dos Omágua das ilhas do alto Amazonas seria de 5,2 hab./km<sup>2</sup>, o que daria 10.000 habitantes para as 60 ilhas ocupadas por esta tribo em 1647, segundo o cronista Laureano de la Cruz. Aplicando-se a densidade média de população das ilhas (5,2) aos 17.500km<sup>2</sup> de várzea que os Omágua ocupavam ao longo do Amazonas no século XVII, chegaríamos a uma população de 91.000 habitantes. Porro acha esta estimativa inaceitável, "não por ser alta, mas por ser inconsistente com o padrão de povoamento desse grupo indígena". Calculando a distância provável entre as aldeias (20km) e a ocupação primariamente ribeirinha (1.000km lineares), haveria 50 aldeias, com uma população média de 160 habitantes por aldeia. Porro chega assim ao total de oito mil indivíduos (0,46 hab./km<sup>2</sup>) para a várzea. O total de Omágua, entre ilhas e várzea, seria de 18.000 índios em meados do século XVII.

Fontes mencionadas por Porro mencionam 30.000 e até 100.000 índios na mesma época. A estimativa de Porro se aproxima da de Steward (16.000), que levou em conta uma área de 80.000km<sup>2</sup>.



Índio Tarairiu, tribo extinta do Nordeste, segundo o pintor holandês Albert Eckhout (1654).

David Sweet calcula que havia em 1600 de 20.000 a 25.000 Omágua; Denevan, levando em conta a depopulação do primeiro século da colonização européia, acha que a população dessa tribo deve ser elevada para 52.500 em 1542, época da viagem de Orellana.

O quadro demográfico atual da população indígena brasileira, publicado pelo CEDI em 1980, revela uma população total de 227.801 índios em todo o Brasil. Comparado com o máximo estimado por Darcy Ribeiro em 1957, este número denota um crescimento populacional da ordem de 130% em 23 anos. Em relação ao total aventado em 1977 por William Denevan apenas para a Hiléia Amazônica, porém, o total divulgado pelo CEDI indica que houve, num período de 480 anos, uma depopulação de seis para um, ou seja: onde havia seis índios, restou apenas um.

Devemos recordar que o mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes, elaborado em 1944 por Curt Nimuendaju e recém-publicado, enumera 1.400 tribos pertencentes a 40 famílias lingüísticas. Este trabalho de Nimuendaju, baseado em vinte anos de pesquisa de campo e na consulta a 973 fontes bibliográficas, permitirá uma reavaliação do montante da população aborígine brasileira em melhores bases.

O levantamento realizado por Darcy Ribeiro acusa a existência de 230 grupos

étnicos em 1900, reduzidos em 1957 a 143 tribos. Teria havido então a extinção de 87 grupos, ou 37,8% do total. Diante desse quadro dramático — a total extinção de "quatro de cada dez tribos existentes em 1900" —, o autor teme que, "... a prevalecerem as mesmas condições, 57 dos 143 grupos hoje existentes desaparecerão até o fim do século". Ainda é cedo para se julgar o acerto desta avaliação, mas é de se esperar que essa perspectiva sombria não se confirme.



#### SUGESTÕES PARA LEITURA

- CEDI. *Povos Indígenas do Brasil*, 1980. São Paulo, CEDI, 1981.
- CLASTRES, Elementos de Demografia Ameríndia. In *A Sociedade Contra o Estado*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
- DENEVAN, W. M. The Aboriginal Population of Amazonia. In *The Native Population of the Americas in 1942*. Madison, University of Wisconsin Press, 1966.
- DOBYNS, H. F. Estimating Aboriginal American Population. *Current Anthropology*, vol. 7, n.º 4, p. 395-416, 1966.
- PORRO, A. Os Omágua do Alto Amazonas. *Série Ensaios*, Museu Paulista, n.º 4, p. 207-231, 1981.
- RIBEIRO, B. *O Índio na História do Brasil*. São Paulo, Global, 1982.
- RIBEIRO, D. *Os Índios e a Civilização*. Rio de Janeiro, Civilização, 1970.
- ROSENBLAT, A. *La Población Indígena y el Mestizaje en América*. Buenos Aires Ed. Nova, 1954.